



DEUS: DA REVELAÇÃO BÍBLICA À IDENTIDADE TRINITÁRIA, O DESENVOLVIMENTO DE UMA IDENTIDADE LIBERTADORA

(God: from biblical revelation to trinitary identity,
the development of a liberating identity)

Adilson Cristiano Habowski

Graduando do curso de Teologia pelo Centro Universitário UNILASALLE – Canoas/RS
E-mail: adilsonhabowski@hotmail.com

Lucas Luiz Abreu Rocha

Acadêmico do curso de Psicologia da UNIRITTTER – Porto Alegre/RS
E-mail: rocha.lluiz@hotmail.com

RESUMO

O intuito do seguinte texto é analisar o desenvolvimento da compreensão de Deus no imaginário teológico-bíblico, bem como as formulações que nos permitem perceber o desenvolvimento da identidade do Transcendente no percurso histórico e na construção do *falar de e sobre Deus*. Partindo de uma breve sinopse da concepção bíblico-veterotestamentária de elementos presentes no imaginário teológico da identidade do Deus de Israel, advindo na percepção libertadora presente na Revelação da imagem de Deus a partir do fenômeno Jesus Cristo, passando brevemente à compreensão de Deus como Trindade e culminando com a percepção identitária de Deus dentro do atual contexto de libertação, busca-se assinalar o desenvolvimento da identidade de um Deus que – longe de permanecer estático, imóvel, inerte – assume uma identidade itinerante ao lado do seu povo. Destarte, o presente artigo analisa os aspectos da revelação e traça uma identidade de Deus a partir destes elementos, apontando à construção da concepção identitária de um Deus que, por caminhar com a humanidade, não está livre de ser assimilado e percebido de distintas formas no decurso dessa trajetória de Revelação.

Palavras-chave: Deus; Trindade; Identidade; Revelação.

ABSTRACT

The purpose of the following text is to analyze the development of the understanding of God in the theological-biblical imaginery, as well as the formulations that allow us to understand the development of Transcendent identity in history and in the construction of the *talk and about God*. Starting from a brief synopsis of the biblical Old Testament design of elements present in the theological imagination of the identity of the God of Israel, from liberating perception present in the image of God Revelation from Jesus Christ phenomenon, passing briefly to the understanding of God as Trinity and culminating with the perception of identity of God within the current context of liberation, it points out the development of the identity of a God who – far from remain static, immobile, inert – assumes an itinerant identity alongside your people. Thus, the present paper analyses aspects of revelation and maps an identity of God from these elements, pointing to the construction of the identity design of a God who, by walking along the humanity, is not free to be assimilated and perceived in different forms in the course of this Revelation route.

Keywords: God; Trinity; Identity; Revelation.



INTRODUÇÃO

A história da construção de uma identidade que se tornaria o suporte da fé das maiores religiões do mundo e – por conseguinte, formularia a identificação de um Deus que hodiernamente assume uma identidade trinitária no fenômeno que se denomina Cristianismo, não se trata de uma história única e linear. A biografia teológica de Deus, construída pela humanidade através da história – como toda narrativa advinda e condicionada pela linguagem e cultura humana, é um misto de pensamentos e conclusões estritamente ligadas ao seu tempo; bem como a percepção humana da realidade ante as revelações e a busca pela compreensão da razão última da vida. Tudo isso possibilitou que percebêssemos a essência de Deus: “Ele é constante; não imutável”¹.

O falar de Deus sensibilizou o ser humano em todos os tempos². Partindo desse pressuposto e sentindo-se intimamente ligada à essência criadora, a humanidade, prefigurada inicialmente no povo de Israel, dedica-se diligentemente, há mais de três mil anos, a compreender, de alguma forma, a Realidade Transcendente e articular discursos para defini-la. O resultado dessa assimilação foi uma série de construções orais que, com o passar do tempo, advieram a ser proferidas em linguagem literária. Assim, como sugere Jack Miles, Deus passa a ser “um amálgama de diversas personalidades em um único personagem”³, imagem que a humanidade passou a perceber e esclarecer das mais distintas formas dentro de sua limitação linguística e dedica-se até os dias de hoje a compreender e, de alguma forma, apreender.

Isto vale para a fé bíblica da Revelação (que no Antigo Testamento indagava sobre o “nome” de Deus (Ex 3,13) e sua “presença” (Ex 17,7)); vale igualmente para o “paganismo adventista” do mundo antigo, como também para o pensamento “pós-cristão” contemporâneo. Do mesmo modo, a filosofia dos tempos modernos, conscientemente imanentista, não pode furtar-se a essa pergunta, ainda quando, desprezando o conceito de “Deus”, colocam em seu lugar o princípio do universo (Giordano Bruno), o espírito absoluto (Georg Friedrich Wilhelm Hegel), a transcendência da potência do ser que limita o homem (Marin Heidegger), a própria vida palpitante (Friedrich Nietzsche) e, finalmente, o próprio homem (Ludwig Feuerbach).⁴

Percebe-se, assim, que há, desde as mais tenras épocas até o período histórico atual, uma diversidade de pontos de vista na abordagem e compreensão de Deus nos mais distintos campos teológico-filosóficos. Não é diferente dentro da complexidade e riqueza do imaginário trinitário. Grosso modo, pode-se dizer que há um misto de rotina e aventura dentro do imaginário teológico trinitário, especialmente a partir da análise da linguagem utilizada para compreender aquele que ninguém jamais viu (Cf. Ex 33, 17.20.23; Jo 1,18;6,46 1Jo 4,12) quando contraposta às palavras proferidas por Jesus segundo João 14,9: “Quem me vê, vê o

¹ MILES, Jack. Deus: uma biografia [Tradução: José Rubens Siqueira]. – São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p.24.

² SCHEFFCZYK, Leo. A fé no Deus uno e trino: coleção “Nossa Fé”; [tradução de Pedro Jeremia, S.J.]. – São Paulo: Loyola, 1972, cf. p.11.

³ MILES, 1997, p.16.

⁴ SCHEFFCZYK, 1972, p.1.



Pai”⁵. Inspirado na análise especulativa que Jack Miles nos propõe na obra “Deus: uma Biografia”⁶, o presente texto tem como norte a seguinte problemática: quais as formas de linguagem que o Transcendente passou a assumir no imaginário teológico-religioso até os dias de hoje no atual contexto de libertação? Como metodologia, estamos ancorados em uma abordagem hermenêutica, voltada para a compreensão e a interpretação de textos e discursos inscritos no mundo da vida. Segundo Habermas “a compreensão hermenêutica se endereça por sua mesma estrutura a garantir, dentro das tradições culturais, a autocompreensão possível dos indivíduos e dos grupos, que oriente a ação, e uma compreensão recíproca entre os indivíduos e os grupos com tradições culturais distintas”.⁷

1. O DEUS DE ISRAEL

A história de Deus com seu mundo inicia com a criação. Assim, “a criação do mundo abre a história do mundo. Pois, com a criação do mundo começa o Tempo. Pelo fato de que o tempo só é percebido na mudança das coisas, a criação é um mundo mutável”⁸, contudo, Israel percebe seu Deus como princípio existente antes da criação do mundo, antes do tempo, isto é, um princípio antes do princípio. “No princípio, Deus criou o céu e a terra. [...] Deus disse: ‘Façamos o homem à nossa imagem, como nossa semelhança’”⁹; e assim, na intimidade de criaturas que se perceberam criadas à imagem e semelhança do criador, iniciam os discursos sobre o Transcendente e, conseqüentemente, a fé em um Deus-uno que, com o processo histórico e evolução gradativa do conhecimento e autoconhecimento do povo de Israel, passaria a assumir as mais distintas personalidades na caminhada histórica desse povo.

De fato, a linguagem humana jamais abarcará todo o ser de Deus. Há séculos o homem, esmeradamente, dedica-se a definir e compreender a Realidade Última. A suspeita lógica que se pode presumir a partir de todos estes discursos é se, de alguma forma, haveria qualquer distorção da imagem de Deus ao tentá-lo compreender a partir da linguagem humana. Todavia, uma das principais afirmações que o escritor bíblico faz sobre Deus é que a humanidade é feita à sua imagem, um inconfundível convite a atribuir algum sentido a Deus em termos humanos. Por conseguinte, a saída para tal é – a partir de uma linguagem análoga de um interlocutor profundamente tocado por Deus – colocar-se participante de seu Ser.

Em uma palavra, só o Existente dá aos seres a possibilidade de se dominarem, de serem eles próprios, de se identificarem com os participantes do Ser. A existência só se justifica de uma única maneira: apresentando os seres como participantes do Ser. Só essa comunhão ontológica explica que

⁵ BÍBLIA DE JERUSALÉM. Nova edição, revisada e ampliada – 4ª Impressão. – São Paulo: Paulus, 2006, p. 1880.

⁶ Não se intenta, contudo, reestruturar uma biografia de Deus a partir da análise da Bíblia hebraica como uma obra da literatura mundial – tal qual como faz Jack Miles, mas busca-se, aqui, analisar alguns dos discursos sobre Deus em determinados períodos e elaborações da Imagem de Deus.

⁷ HABERMAS, Jürgen. Técnica e Ciência como Ideologia. Trad. Artur Morão. Lisboa: Dom Quixote, 1994, p. 222.

⁸ MOLTSMANN, Jürgen. Trindade e o Reino de Deus: uma contribuição para a teologia; [tradução de Ivo Martinazzo]. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2000, p.112.

⁹ BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2006, pp. 34-35.



os seres para quem a existência é um imprevisto podem estar certos de suas raízes.¹⁰

Assim, a problemática que rege a definição de Deus parte da interrogação do homem acerca da realidade Transcendente de forma análoga à compreensão de si próprio, interrogação essa que imbuíu o espírito do Povo de Israel em seu caminhar de confronto com seu Deus. É comum – contudo, dentro da linguagem teológica, afirmarmos a limitação da linguagem humana na abordagem e nos discursos sobre o inefável. Também se fala muito frequentemente na utilização das linguagens apofática¹¹ e contemplativa para responder à ânsia pelo conhecimento de Deus. Todavia, se o povo de Israel não tivesse ao longo do processo histórico desenvolvido suas mais distintas percepções de Deus e as cunhado dentro de sua tradição – primeiramente oral e logo após literária, atribuindo características bem determinadas a esse Deus, não se teria um conhecimento tão rico e complexo para definir e articular a identidade do inefável Criador.

Nós o vemos primeiro como criador, fora da história, anterior a ela, poderosamente colocando em movimento os corpos celestes por meio dos quais se pode medir o tempo histórico. Nós o vemos por fim como o “Ancião dos dias”, de cabelos brancos e silencioso, à espera do fim da história, sentado num trono remoto e nebuloso.¹²

Logo, analisar os atributos que o povo de Israel passou a utilizar para se referir a Deus e defini-lo é, no mínimo, uma atividade fundamental para perceber as faces que o povo, a priori responsável por originar a busca pelo esclarecimento sobre o Altíssimo, acaba por delinear nas elucidações sobre o Transcendente e formula os principais traços que passariam a estar perpetuamente ligados à sua identidade. A partir das conclusões expostas e cultivadas na tradição desse povo, constroem-se distintas formas de conceber e reconhecer a Deus em estreita ligação com seu povo e se põem por terra toda e qualquer ideia de que o Defensor do povo – utilizando uma linguagem posteriormente cunhada no imaginário profético de Isaías (Cf Is 42,14; 49,15; 66,13) –, seria por toda sua caminhada histórica monotonamente o mesmo, intangível, inexprimível, inexorável e – sobretudo, desinteressado de seu Povo eleito, com que selou sua aliança¹³.

As afirmações ontológicas acerca de Deus p. ex., sobre a sua imutabilidade, simplicidade e eternidade têm, antes de tudo, uma função de crítica e de serviço. Devem levar a conhecer que Deus não se identifica com o seu interesse pelo mundo nem com sua existência a favor do homem, e que sua essência não se exaure no agir pela humanidade. Nessas afirmações expressa-se tanto a proximidade de Deus (a imanência), como a sua absoluta

¹⁰ CHARBONNEAU, Paul-Eugène. O homem à procura de Deus. – São Paulo: EPU, 1981, p. 450.

¹¹ Utiliza-se aqui tal categoria teológica conforme Clodovis Boff propõe em 1999 nos seus “Dez conselhos a um jovem teólogo”; isto é, que a linguagem para se falar de Deus é apofática, inefável (Cf. BOFF, 1999, p. 85). Contudo, busca-se questionar – até certo ponto, o que desencadearia se a humanidade – conforme aconselha C. Boff, tivesse em todo seu percurso histórico “honrado o Mistério sondável através do silêncio” (Id).

¹² MILES, 1997, p.22.

¹³ Não se intenta com tais declarações afirmar que Deus seja uma formulação gradativamente evolutiva dentro de um imaginário cultural, mas – outrossim, apontar linhas de reflexão sobre até que ponto um Deus que posteriormente seria definido como “amor” não pode moldar-se e compadecer-se ante as intemperanças, angústias e sofrimento de seu povo.



distância (transcendência), de sorte que o homem pode conhecer a Deus como o ser infinito e incompreensível com quem se defronta.¹⁴

Contudo não é esta a chave-teológica – de um Deus completamente inerte e indiferente à humanidade, que avigora o pensamento de Israel. No imaginário teológico do povo israelita, Israel é aquele que “luta com Deus”^{15,16}. Destarte, é inconcebível a aceção de um Deus que não se faz profundamente presente nas lutas e batalhas do seu povo. Logo, a compreensão de um Deus-imóvel, impassível, não origina da compreensão construída do Deus de Israel. Refere-se, isso sim, a acréscimos futuros à identidade de Deus que não harmoniza com a identidade teológica assumida por Israel.

A origem dessa concepção encontra-se, provavelmente, na filosofia aristotélica, com sua formulação de Deus como o Motor imóvel, existindo no momento único, eterno. É o fato que o Senhor Deus de Israel é o criador e controlador do tempo e os Salmos repetem que ele vive para sempre. Até esse ponto ele é como o motor imóvel de Aristóteles. E, no entanto, por contraditório que possa parecer, ele penetra no tempo também e transforma-se através da experiência. Se assim não fosse, ele não se surpreenderia; e ele é infindavelmente surpreendido, às vezes de um modo desagradável.¹⁷

Assim sendo, as características que definem o “Deus de Israel” atribuem a Ele uma identidade constante, presente nas lutas de seu povo e é diversas vezes surpreendido por ele. O Deus de Israel, matriz para as posteriores formulações monoteístas, pode até, em muitos aspectos de sua forma de se manifestar, passar a ser percebido como absoluto, determinado e incondicionado quanto à sua essência; mas jamais poderá ser visto como “imóvel”, “inerte”, incapaz de moldar-se, compadecer-se e surpreender-se ante seu povo.

1.1 AQUELE QUE É¹⁸: O INEFÁVEL CRIADOR

A incapacidade humana de compreender a plenitude de Deus é um dos primeiros traços que passam a configurar a identidade do Criador apontado pelo imaginário teológico construído pelo Povo de Israel a partir da Revelação a Abraão (Cf. Gênesis 17, 1- 11; Êxodo 3,1-5). Este

¹⁴ SCHEFFCZYK, 1972, p.9.

¹⁵ Nesta narrativa misteriosa, sem dúvida de tradição javista, fala-se de luta física, um corpo a corpo com Deus, na qual Jacó parece primeiramente vencer. Quando reconhece o caráter sobrenatural de seu adversário Jacó força-o a abençoá-lo. Mas o texto evita o nome de Iahweh e o agressor desconhecido recusa-se a dizer o seu nome. O autor utiliza uma velha história para explicar o nome de Fanuel ou *peni'el*, “face de Deus”, e dar uma origem ao nome de Israel. Ao mesmo tempo lhe confere um sentido religioso: o Patriarca se agarra a Deus, força-o a abençoá-lo, criando uma obrigação de Deus para com os que usarão o nome de Israel. Assim a cena tornou-se a imagem do combate espiritual e da eficácia da oração perseverante (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2006, p.77).

¹⁶ Cf. BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2006, p. 77.

¹⁷ MILES, 1997, p. 24.

¹⁸ “Deus se exprime, fala de si, revela aos homens a si mesmo e a sua vida íntima, para convidá-los e admiti-los à comunhão de vida com ele” (MANNUCCINI, 1985, p.33). V. Mannucci sugere que “Aquele que *está ali*, que *está presente*, que *está com*” constitui a interpretação mais provável do nome de Iahweh. Utiliza-se, aqui, a tradução recorrente como “Aquele que *é*”, admitindo a essência dessa nomenclatura sem desconsiderar a constância e *presença* de Deus com seu povo. Ao contrário, a tradução/interpretação de *Iahweh* como *Aquele que é* busca, neste texto, enfatizar um dos principais elementos de sua identidade: sua presença observada na existência daquele que se revela.



traço primordial da personalidade de Deus continua vivo até hoje no imaginário humano em relação à Realidade última, isto é, o homem continua a articular discursos sobre a natureza divina e sua atividade salvífica em prol da libertação garantida pela Aliança firmada com o povo de Israel.

Assim, os israelitas, profundamente ligados à figura de seu Deus, passaram a buscá-lo a partir de suas manifestações dentro da história. Logo, “o evento revelador exige que a indagação acerca de Deus seja feita conforme a Revelação”¹⁹ e a percepção humana dessa revelação, produzida sempre pela ação de Deus na humanidade, é o que motiva o homem a se interrogar acerca do Transcendente. Destarte, o imperativo que guiou as palavras de Oseias foi também o princípio cogente que inspirou os israelitas a afirmar: “conheçamos, corramos atrás do conhecer a Iahweh”²⁰ e a construção do *compreender a Deus* passou a guiar-se pelo diálogo de Deus que atua na história de seu povo e do homem que busca compreendê-lo.

Caracteriza-se a religião do Antigo Testamento pela afirmação de uma intervenção de Deus na história, intervenção devida unicamente à sua livre decisão. É concebida essa intervenção como o encontro de alguém com alguém: de alguém que fala com alguém que ouve e responde. Dirige-se Deus ao homem como um senhor a seu servo, interpela-o, e o homem, que ouve a Deus, responde pela fé e pela obediência. O fato e o conteúdo dessa comunicação o chamamos de *revelação*.²¹

Dessa forma, partindo da ação criadora como atividade primordial para iniciar os discursos com o escopo de compreender a essência do Ser-Deus, a Bíblia hebraica – resultado do processo de elaboração do pensamento e caracterização da identidade do Transcendente – inicia por caracterizar sua existência a partir do elemento da Criação. Este fator é a matriz sobre a qual o *pensar sobre e a partir de Deus* vai configurar-se. Não obstante, Deus como criador, fonte e princípio de toda existência, ainda hoje nos coloca diante de uma incógnita inevitável: como conceituar essa essência Transcendente, o princípio imprincipiado que ultrapassa os limites da compreensão?

Essa questão foi o motor que pôs em movimento a intimidade do povo de Israel com o Altíssimo. A partir disso os israelitas se aventuraram a procurar caracterizá-lo em seus sinais, partindo do princípio da criação, na condição de criaturas profundamente ligadas ao seu criador. A formulação identitária que surgiu a partir disso foi a própria Existência, o “Ser-por-si”. Dentro da Existência daquele que se identifica como “Aquele que é”, “Que está ali”, o povo hebreu tem sua principal chave-teológica para ilustrar seus discursos sobre Deus, consciente de que não conseguiria abranger todo o *Ser de Deus* em palavras.

[...] de tudo que se pode ser objeto de conhecimento, nada pode se assemelhar ao Ser – que escapa de toda elaboração discursiva –, porque toda premissa repousa sobre o reconhecimento antecipado do ser e de sua irreduzibilidade ao *não-ser*. E isso faz com que se diga do ser que é transcendental, isto é, que ele se situa num além que é interdito à razão discursiva [...] Ele se apresenta como *Aquele que é*, como o *Existente* [...], de

¹⁹ SCHEFFCZYK, 1972, p.17

²⁰ BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2006, p.1591.

²¹ LATOURELLE, René S.J. Teologia da Revelação. 3ª edição; [tradução de Flávio Cavalca de Castro]. – São Paulo: Edições Paulinas, 1972. p.13.



tal maneira que qualquer outra menção de qualquer outro atributo seja supérflua. Não poderia haver dado mais esclarecedor para a razão do que esse. Yawhvê se afirma como *Aquele que É*; é o único que se pode definir dizendo apenas *Eu sou*. Fundamento de toda existência que não se realiza senão em um devir porque ela é, por força de sua natureza, um acontecimento e um advento, somente Ele é o *Ser-por-si*, completo, absoluto, primeiro. Só existe Ele que se pode proclamar como o Sendo, que pode dizer d'Ele mesmo *Eu sou* e reivindicar uma total identificação do Ser e da sua Pessoa. É essa transcendência que o faz Inefável, Indizível, e que o coloca acima da razão que não pode apreender senão o ser participado.²²

A experiência de Abraão marcou profundamente a história do povo hebreu. O contato com um Deus que vem em auxílio do seu povo com a promessa da aliança e revela-se a ele como “Aquele que é”, que abarca e fundamenta toda a existência de tal modo que não pode ser explicado ou compreendido dentro de toda sua complexidade é o pensamento que permeia o imaginário de Israel. Assim Iahweh é envolvido entre o povo hebreu, este é o Deus de Israel: o criador, inefável, aquele que comporta toda essência, todo existir e propõem-se a uma eterna união com seu povo escolhido por toda sua caminha histórica durante todas suas gerações.

1.2 DEFENSOR DOS POBRES: A REVELAÇÃO DO DEUS LIBERTADOR

A apresentação de Deus a Abraão como “Aquele que é” constitui apenas o início da aliança selada entre os hebreus e Iahweh; o princípio do diálogo de um Deus que se revela a seu povo e o propõe a liberdade, garantindo segurança e uma estreita ligação de intimidade entre a realidade Transcendente e a imanência terrena. Essa aliança principia a eterna ligação e estabelece a garantia da afinidade e dever mútuo de um povo que passaria a caminhar com seu Deus em busca de sua libertação e enquanto permanecesse dentro dos desígnios de Deus, não mais teria sua liberdade rompida. Esta aliança passa a ser articulada na primeira cláusula do estatuto apresentado por Abraão: “Eu sou Iahweh teu Deus que te faz sair da terra do Egito, da casa da escravidão. Não terás outros Deuses diante de mim^{23,24}”. O Deus da revelação bíblica é o Deus que liberta, que se revela à humanidade, que se permite e dá a conhecer: é o Deus que age.

Por isso, para explicar o nome de Iahweh, não se apela para uma natureza de Deus misteriosamente oculta, mas para a ação divina da libertação do Egito que acabara de se realizar. Neste evento histórico Deus se manifestou ao seu povo como *Iahweh*, isto é: “aquele que está ali”, que está presente, está *para*,

²² CHARBONNEAU, 1981, p.451.

²³ Iahweh exige de Israel o culto exclusivo apenas em Seu nome. Esta é a principal condição da Aliança. Contudo, estas primeiras formulações não negam, a priori, a existência de outros Deuses, o que caracteriza traços de preferência e particularidade de Iahweh por parte dos hebreus e amplia os laços de afinidade entre essas duas realidades, a Transcendente e a terrena humanidade.

²⁴ BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2006, p.130.



está *com*. Deus está presente *com* Moisés e *com* o povo para libertá-lo da escravidão [...] Nestes termos Deus quer fazer-se conhecer por seu povo.²⁵

A libertação da escravidão do Egito manifesta a intervenção de Iahweh e a própria confirmação da aceção de seu nome: *Aquele que é; que está com; que se faz com*. Essa ação libertadora confirma a promessa realizada por Deus a Moisés de fazer-Se presente junto a Israel e lutar por sua salvação. A partir disso, Israel interpreta o Êxodo como a primeira etapa de um longo caminho para alcançar a aliança do Sinai, para a Terra Prometida. Aquele evento “teria sido tão rico de significado a ponto de construir o fundamento da religião de Israel e marcar toda a sua história como também sua interpretação”²⁶. Essa revelação íntima e orgânica forma as bases da fé no Deus de Israel. Essas primordiais revelações analisadas a partir das formulações presentes na bíblia hebraica constituem os elementos essenciais para a compreensão do Deus de Israel. O Deus da Tanach²⁷ revela-se inicialmente como um Deus vivo, presente e atuante na história de seu povo. Esse pressuposto passará a ser a base para toda tentativa de compreensão da identidade do Transcendente dentro do pensamento da religião de Israel.

Inicialmente é compreendido como “o Deus onipotente, senhor do cosmo e senhor das nações, que exige sejam estabelecidas suas leis”²⁸. Aos poucos os profetas vão educando Israel para uma compreensão cada vez mais profunda de seu Deus e dos atributos divinos que passaram a caracterizar sua identidade. Aqui se demarca o crescimento gradativo da compreensão e explicação das características do Deus criador dentro da religiosidade como base para uma explicação constante do *perceber Deus na história* e do *falar de Deus* por meio do seu próprio povo eleito, tendo como instrumento de anúncio os profetas escolhidos para proclamar suas palavras e fazê-lo conhecer regendo, desta forma, para que a Revelação aconteça a partir de eventos e palavras intimamente relacionadas à realidade e experiências do povo, sempre contínua, atualizada na vida e realidade experienciada por Israel.

Amós põe em evidência sua justiça; Oseias: seu amor terno e ciumento; Isaías sua grandeza e transcendência; Jeremias ensina uma religião mais interior; Ezequiel lembra as exigências da santidade de Deus; O Dêutero-Isaías leva para uma religião mais universalista. Ao mesmo passo que em Israel se percebe mais claramente a transcendência de Deus, mais também se percebe sua proximidade e sua intimidade²⁹.

Essa compreensão evolutiva das imagens do Transcendente dentro da compreensão profética emergida do seu próprio povo eleito é o que demarca a identidade do Deus de Israel que, embora compreendido dentro de distintos contextos e formas de expressão, jamais perde o caráter e a função primeira de sua revelação: ser o defensor dos pobres, o Deus libertador *que é (está)* com seu povo e mostra sua constância por meio dos desígnios da salvação na história da humanidade e que afirmam a aliança instituída e perpetuada com a humanidade.

²⁵ MANNUCCI, Valério. Bíblia, Palavra de Deus: curso de introdução à sagrada escritura; [tradução de Luiz João Gaió]. – São Paulo: Ed. Paulinas, 1985, p. 43.

²⁶ MANNUCCI, 1985, p. 53.

²⁷ Bíblia hebraica. Usa-se, aqui, a nomenclatura justamente por tratar da ordem do discurso de acordo com a concepção literária exposta na literatura hebraica: torá, profetas e escritos.

²⁸ LATOURELLE, 1972, pp. 34-35.

²⁹ *ibidem*, 1972, p.35.



2. O DEUS DOS CRISTÃOS

No Novo Testamento³⁰, assim como na Bíblia hebraica, apresentam-se diversas formas de compreender a Deus. Contudo, na experiência neotestamentária a Revelação aponta para novos caminhos de libertação e compreensão do Transcendente. Todo o falar sobre Deus na literatura bíblica cristã neotestamentária é realizado a partir de um novo horizonte teológico e a teologia cristã passa a falar de Deus a partir da comunicação que – segundo sua fé, “ele fez de si mesmo em Jesus, o Cristo. Jesus de Nazaré, o que padeceu sob Pôncio Pilatos, faz parte de nosso mundo e de nossa história como seres humanos”³¹. A partir do fenômeno Jesus Cristo, a humanidade é chamada a perceber uma nova face do Deus que caminha junto ao Povo. Convida-se, assim, a reconhecer um Deus completamente humano, que se faz homem e sofre com a humanidade. O mundo passa a experimentar Deus dentro da mais pura e verdadeira humanidade e Deus passa a assumir uma nova identidade, conservando ainda os traços primordiais que o identificam com seu povo: o amor.

Impelidos por nossa tendência inata ao espetacular, esperaríamos uma tensa e sobre-humana dialética, onde a polaridade Deus-homem nos fosse mostrada em antíteses maravilhosas, em polaridades surpreendentes e o que nos é oferecido é a humanidade mais humana, mais despojada e normal. Não é um Deus que utiliza o recurso de uma espécie de humanidade de empréstimo para despejar nela os esplendores de sua onipotência, e sim um homem normal e profundamente humano. [...] Jesus é Deus em sua simples e compartilhada humanidade. Sua própria vida é a Boa Nova [...] É justamente a confluência dessa linha dupla em Jesus – o Deus para o homem e o homem para Deus – que define para mim o núcleo de seu mistério.³²

Desta forma, em Jesus, a promessa de Aliança realizada com Israel transcende o *ser de deus para a humanidade* e atinge os limites do *ser de Deus com a humanidade*. Aquele que é passa a ser como o seu povo, humanamente presente no seu cotidiano e, a partir dessa revelação, apontam-se os caminhos da plenitude do ser humano, em toda sua simplicidade e sofrimento. O Cristo passa a representar uma nova linha de releitura da história da intimidade com o Deus de Israel, o Deus que caminhou no deserto na garantia da promessa pela Terra prometida. Em Jesus serão projetadas as aspirações e promessas realizadas até então para o Povo de Deus, isto é: com o Cristo ressurreto, dentro da compreensão cristã, cumpriram-se as promessas de libertação até então asseguradas pelos profetas; Deus se fez homem para a salvação do mundo na promessa escatológica da redenção humana, “para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna”.³³ Pagola (2013, p. 113) destaca que “o povo já não precisa sair para o deserto a fim de preparar-se para o juízo iminente de Deus. É o próprio Jesus que percorre as aldeias convidando todos a “entrar” no reino de Deus que já está irrompendo em suas vidas. Esta mesma terra onde habitam transforma-se agora no novo cenário para acolher a salvação”.

³⁰ A nomenclatura aqui empregada de forma alguma busca ferir a dignidade da Bíblia hebraica (Tanach) ou sobrepor o cânon bíblico cristão às escrituras sagradas dos judeus. Novo Testamento é empregado nesse texto por tratar-se de conclusões e linhas de pensamentos em ambiente – e a partir de ambiente, propriamente cristão.

³¹ MUÑOZ, Ronaldo. O Deus dos Cristãos; [tradução de Jaime A. Clasen]. – Petrópolis: Vozes, 1986, p. 17.

³² QUEIRUGA, Andrés Torres. Repensar a Cristologia: sondagens para um novo paradigma; [trad.: Maria Luísa Garcia Prada]. – São Paulo: Paulinas, 1998, pp. 18-20.

³³ BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2006, p. 1848.



Na tradição bíblica, ao longo da história de Israel, emerge cada vez mais clara a imagem de um Deus verdadeiramente universal, único; criador e salvador de todos os povos. Passa-se então, na tradição neotestamentária, a perceber a essência divina com atributos em total consonância com a realidade expressa e identificada pelo povo de Israel durante sua trajetória no relacionamento com Deus, mas a partir da revelação em Cristo, reconhecemos categorias mais humanizadas, mais compreensíveis e que, de alguma forma, fazem-nos mais participantes da realidade Transcendente. Cristo passa a ser o intermédio, as lentes pelas quais os cristãos passam a ver a Deus (Cf. Jo 12,35; 14,9); nele está a plena realização de Deus feito homem, do verbo feito carne (Cf Jo 1,1.14) para caminhar junto com seu povo, sofrer com ele e, de uma vez por todas, fazer conhecer seu projeto de salvação, seu reino de amor.

2.1 DEUS PAI

O Deus que os primeiros cristãos herdaram da experiência de Jesus é o Deus que é Pai Universal, o Salvador de todos os homens (MUÑOZ, 1986, p. 147). Essa relação de intimidade filial que se estabelece entre Jesus e o Pai passam a ser vista no termo “*Abbá*”³⁴. As comunidades dos primeiros cristãos confirmam esta invocação de Jesus por Paulo, que fala do grito que se levanta entre os fiéis que, movidos pelo Espírito, invocam a Deus - também eles - com *Abbá* (61 4,6). Nesse mútuo conhecimento, inclui-se tudo o que contém o conceito bíblico de conhecimento: a vontade de uma comunhão de vida; supõe o amor de predileção que o Pai tem pelo Filho amado (Cf. Mt 3,17; Mc 1,11), e o amor do Filho, que o leva à atitude de submissão de obediência ao Pai (Lc 2,49; Mt 26,39; Mc 14,6). Uma vez que Jesus é quem conhece o Pai, é também quem o pode revelar e a partir dessa revelação as primeiras comunidades passam a ter a experiência da filiação divina com o Deus de Jesus e, assim, sentiram-se também pertencentes a ela³⁵.

Com isso, os cristãos passam também a chamar a Deus de Pai como resultado do próprio convite de Jesus (Mt 6,9; Lc 11,2) e pela ação do Espírito Santo, dirigindo-se a ele também como *Abbá*” (Cf. Rm 8,15; 61 4,6). Sem dúvida, tanto Jesus como os primeiros cristãos sentiram-se envolvidos no mesmo amor do Pai e este amor que nos é dado por herança pelo Filho envolve até os dias de hoje a todos os cristãos, motivando-os a seguir seu exemplo.

[...] costumam falar que Deus Pai está escondido e é inacessível. Tornou-se manifesto e é acessível em seu Filho. Isso significa que só conhecemos Deus Pai de modo indireto. Não diretamente, em sua paternidade, mas através da atitude do Filho. E a razão dessa atitude é muito simples: nós não somos o Pai. Nem temos condições de moldar-nos por ele. Mas somos filhos e por isso devemos viver num espírito filial, espelhando-nos naquele que vive plenamente esta condição e nos deu o exemplo de Filho: Jesus Cristo. Através dele conhecemos o Pai e, ao mesmo tempo, aprendemos a comportar-nos como filhos.³⁶

³⁴ A palavra “*Abbá*” originariamente reflete a linguagem infantil, usada pela criança para dirigir-se ao pai, ainda que, posteriormente, tenha sido usada também por pessoas adultas para falar com pessoas idosas, significava carinho e respeito, amor e atenção, intimidade e devoção.

³⁵ É interessante perceber que na comunidade mateana Deus é chamado de “nosso Pai” com a mesma frequência com que é chamado de Pai de Jesus (Cf. Mateus 6,8; 6,14-15; 10,20; 10,29)

³⁶ GRINGS, Dadeus. Deus Pai. – Aparecida, SP: Santuário, 1998, p. 78).



Dessa forma manifesta-se o Pai na visão do filho e o evento pascal nos dá a conhecer de forma definitiva que Jesus é Filho de Deus. A Páscoa revela a história de um Deus-pai que entregou o Filho por amor ao mundo (Jo 3,16). Na Páscoa, ao mesmo tempo em que nos revela a novidade de um Messias que *se esvazia* para que a humanidade conheça a salvação, também se nos apresenta a identidade de um Deus que não hesita em dar-se a si mesmo, na pessoa do Filho, para que a salvação se realize e a partir desse filho glorifica-se o Pai.

2.2 DEUS FILHO

A ressurreição de Jesus faz surtir naqueles que andaram com ele um impacto inexplicável. Este evento, totalmente inesperado e inovador, reformulara a compreensão da identidade de Deus aos olhos daqueles que passaram a ser conhecidos segundo o nome de Cristo. Os cristãos passaram a adquirir um novo olhar, uma nova forma de observar e conceber a figura do profeta do Reino de Deus à luz do acontecimento pascal e, a partir de tal circunstância, a aprofundar sua compreensão do nazareno diante da identidade possível de reconhecer na Revelação que o Pai faz no Filho. Essa experiência transfigura-se em na *nova aliança* selada por Deus com seu povo; não mais restrita à descendência de Israel, mas que se estende a toda humanidade que vê no Filho a imagem do Pai.

A partir da experiência da ressurreição de Jesus, seus seguidores começam a fazer uma releitura da sua vida inteira. Aquela vida surpreendente e cativante que conheceram de perto e cuja memória guardam viva no coração adquire agora uma profundidade nova. O conhecimento que tinham de Jesus, por causa, adquirindo uma profundidade insuspeita.³⁷

O Jesus que havia permanecido na memória daqueles que o seguiam passa a assumir um novo ardor diante da nova e autêntica verdade, revelada na ressurreição. Ao redor das primeiras testemunhas, as primitivas comunidades cristãs passam a espalhar a luz e a verdade que a experiência pascal os faz penetrar. Assim o fazem tal como fizera o povo de Israel na construção da identidade de Iahweh: cultivando oralmente sua tradição e em seguida redigindo suas experiências salvíficas à luz da sua compreensão dessa atividade que enraíza profundamente na fé das comunidades.

Assim, para aprofundar-se na identidade de Jesus, faz-se primordial volver o olhar ao caminho do curador da vida desde seus primeiros passos, das suas primeiras palavras, dos seus primeiros gestos de profeta itinerante, partindo – agora, a vislumbrar sua imagem ao ter consciência da experiência do ressuscitado. Esta releitura consciente da Revelação de Deus no Filho, agora repleta de significado, faz com que os seguidores do nazareno sintam-nO vivo dentro da comunidade. Somente a ressurreição pode revelar sua identidade divina.

Impulsionados por sua fé em Jesus ressuscitado, começam a recordar suas palavras, mas não como se fossem o testamento de um mestre morto que pertence para sempre ao passado, e sim como palavras de alguém que está

³⁷ PAGOLA, José Antônio. Jesus: aproximação histórica; [tradução de Gentil Avelino Titton] – 6 ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2013, p. 528).



vivo no meio deles e continua a lhes falar com a força do seu espírito [...] está comunicando seu espírito e sua vida às comunidades que o seguem.³⁸

Portanto, o olhar que as comunidades cristãs passam a lançar e remontar sobre a existência do Mestre da vida não se limita apenas às suas palavras ou gestos desprovidos de sentido. O que os evangelhos – frutos da releitura da fé das comunidades querem transpassar é a presença salvadora do Deus que ressuscitou Jesus e se fez presente em Sua vida. Os evangelistas narram a história de Jesus como o acontecimento central da história do mundo.

Diante desta óptica, cada evangelista busca narrar, de acordo com a sua experiência ao aprofundar-se na identidade de Jesus, a figura do Deus encarnado³⁹. O primeiro dos Evangelhos canônicos, Marcos, encontra em Jesus o messias, filho do Deus vivo. Marcos segue um itinerário que leva a aprofundar-se meticulosamente no ministério de Jesus a fim de reconhecê-lo, no decorrer da caminhada, como o verdadeiro Filho de Pai, messias de Deus. Na trajetória de Marcos, Jesus vai desvelando-se lentamente aos seus discípulos através de curas, milagres e teofanias. Tal compreensão do nazareno, de acordo com o evangelista, só pode ser plenamente compreendida e assumida diante da cruz.

Este olhar novo lançado sobre Jesus, suscitado pela fé num Deus que se identificou com ele até o ponto de ressuscitá-lo dentre os mortos, abre um horizonte insuspeitado a seus seguidores da Galileia. Na história de Jesus contemplam a irrupção de Deus. A história que narram é uma história vivida por Deus encarnado em seu Filho.⁴⁰

Em Mateus, Jesus assume o título de “o Novo Moisés”. Com ele, Jesus é apresentado como a plenitude da Nova Aliança, com quem Deus define uma nova lei e a partir de quem estabelece um novo povo. Jesus, em Mateus, é o Messias, o Filho de Deus. O evangelista apresenta a identidade messiânica de Jesus em consonância com a mentalidade de seus leitores judeus: Jesus pertence à família de Davi (PAGOLA, 2013, p.534). O traço mais próprio de Mateus é adentrar na identidade de Jesus compreendendo-O como a “nova presença de Deus no mundo”, é o Emmanuel, isto é, Deus conosco. A comunidade cristã de Lucas apresenta a centralidade cristológica no “Salvador”, anunciado e concebido pelo poder de Deus, manifestado no Espírito Santo. Jesus é a Salvação de Deus Hoje, aos pobres, perdidos e feridos. A identidade de Jesus à qual a comunidade lucana se aprofunda vê no Poeta do Reino a encarnação da misericórdia de Deus, nascido pelo amor de Deus por todos nós. Essa percepção foi fundamental para a compreensão lucana e apresenta-se no evangelho elaborado por essa comunidade.

Já no quarto Evangelho, percebe-se uma visão mais aprofundada na identidade de Jesus. Contemplado à luz da ressurreição, o nazareno dentro da comunidade joanina se torna o sal da terra e a luz do mundo. É Ele que nos guiará até à verdade completa. Diante dos sinais apresentados pela comunidade de João, Jesus é concebido como o enviado do Pai, revelador dos mistérios de Deus e portador de todo amor. Em João não vigoram títulos, mas Imagens: “Aquele que é”; o “Pão da Vida”; “Luz do Mundo”; o “Bom Pastor, etc. Na comunidade

³⁸ *Ibidem*, 2013, p. 529.

³⁹ Incorpora-se aqui a figura das protoc comunidades cristãs como a imagem primordial dos primeiros cristãos que, à sua maneira, estruturaram suas compreensões da Revelação de Deus em Cristo, especialmente a partir do acontecimento Pascal.

⁴⁰ PAGOLA, 2013, p. 530.



joanina perceberemos em Cristo todo o amor de Deus. Esta comunidade nos presenteia e apresenta a essência da identidade de Deus no amor revelado à humanidade por Cristo. Assim, em João veremos que “Deus é amor” (1Jo 4,8) e todo seu amor se manifestará no filho.

2.3 DEUS ESPÍRITO SANTIFICADOR

A Sagrada Escritura não deixa nenhuma dúvida de que o princípio divino é o Espírito Santo por meio do qual o Deus da Revelação se torna, em sentido muito particular, o Deus que habita em nós.⁴¹ O Novo Testamento nos apresenta Deus na perspectiva deste mundo, ressignificando-O, fazendo-nos conhecê-Lo por aquilo que Ele fez em sua Revelação em Jesus. Logo, Deus é alguém que falou, interveio de diversos modos ao longo da história de um povo, na gênese do universo, e continua a Revelar-se.⁴²

Como vimos, Israel conheceu um só Deus, o seu Deus, que se manifestou de distintas formas em sua história desde a criação e quis ser chamado de “Aquele que é”. No Novo Testamento Cristo fala do Pai, o Deus conhecido pelo Povo. Assim, ao conhecimento existente na história de Israel a respeito do Transcendente, os cristãos acrescentam a revelação do Filho de Deus, igual ao Pai, que veio de junto de Deus e era Deus (Jo 1,1). Igualmente, a encarnação do Pai não é resultado da ação humana; o Pai se revela e dá-*Se* a conhecer em Jesus a partir do Espírito. É esse espírito atuante que torna possível a Revelação e sua obra que consuma a ação de Deus em Cristo à humanidade (Cf. Lc 1,36).

A origem de Jesus Cristo foi assim: Maria, sua mãe, comprometida em casamento com José, antes que coabitasse, achou-se grávida pelo Espírito Santo. José, seu esposo, sendo justo e não querendo denunciá-la publicamente, resolveu repudiá-la em segredo. Enquanto assim decidia, eis que o Anjo do Senhor manifestou-se a ele em sonho, dizendo: “José, filho de Davi, não temas receber Maria, tua mulher, pois o que nela foi gerado vem do Espírito Santo”⁴³.

Desta forma as comunidades cristãs passaram a reconhecer uma nova forma do *ser de Deus*; um agente motivador destinado à humanidade. Contudo, esta forma do *fazer-se manifestar* de Deus trás uma experiência nova. Pode-se ligar claramente as figuras do Pai e do Filho a representação de pessoas, contudo, a “terceira pessoa” da Trindade se reveste de um certo anonimato⁴⁴. Contudo, o Espírito criador do Senhor, a divina Ruah⁴⁵ operadora das obras de

⁴¹ Cf. SCHEFFCZYK, 1972, p. 123.

⁴² Cf. GRINGS, 1974, p. 100.

⁴³ BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2006, p. 1704.

⁴⁴ MOLTAMANN, 2000, p. 176.

⁴⁵ RUAH é uma palavra do hebraico, que significa "vento, aragem, movimento do ar, sopro de vida, hálito ou alento de vida, espírito". Nas escrituras hebraicas "RUAH ELOHIM" significa "o vento criativo de Deus". O "RUAH IAHVÉ" (Espírito de Deus) é o hálito que sai da boca de Deus como alento de Vida. Conforme está escrito em Gn 2,7: "Deus insuflou no barro amassado o seu Ruah - hálito, alento, respiração - e o Homem tornou-se um vivente!" Já no Novo Testamento temos o Pentecostes, quando Jesus ressuscitado apareceu aos apóstolos que estavam reunidos em Cenáculo, segundo Jo 20,22: "soprou sobre os Apóstolos, dizendo-lhes: Recebei o Espírito Santo!" O Espírito Santo que é o alento de vida de Jesus. Ruah significa "Pneuma" em grego e "Spiritus" em latim, de onde se origina a palavra "Espírito" em português. De modo geral, pode-se dizer que RUAH é O SOPRO DO ESPÍRITO SANTO DE DEUS.



Deus, já faz parte do imaginário do Povo hebreu que, na voz do salmista, entoava aos ares: “Enviais o teu espírito e tudo será criado, e assim renovas a face da terra”^{46 47}

Na literatura neotestamentária esse espírito é expresso, tal como apresentado no texto de Lucas, como a força criadora, isto é, a forma introdutória pela qual Deus passa a manifestar-se em Jesus e justamente por esse espírito a encarnação do verbo acontece (Cf Lc 1,36; Mt 1,20). “Por outro lado, diz-se no Evangelho de S. João: ‘Deus é Espírito’ (4,24). Por espírito designa-se também a própria existência de Deus”⁴⁸. Destarte, o Espírito Santo apresenta-se à comunidade cristã em três dimensões: o *Espírito em deus*: a realização da criação e da Nova Aliança selada com o nascimento e afirmada com o acontecimento pascal; *Espírito em Cristo*: Uma nova Promessa deixada aos discípulos da presença constante Dele no meio dos seus (Cf. Jo 14,26;16,13) e a dimensão do *Espírito na comunidade*: efetivação da promessa realizada por Jesus e a garantia da presença constante (At 2,1-4).

A partir do Espírito a igreja manifesta sua catolicidade, sua linguagem passa a ser universal, isto é, compreensível a todas as línguas (Cf. At 2,8). Com a ação do Espírito na comunidade dos fiéis, a trindade é plenamente manifestada e faz com que a comunidade creia e viva a experiência da promessa de Cristo e, cheia do espírito, passe a proclamá-lo. Como dizia Santo Agostinho: “a Igreja é a sociedade do espírito”, e assim sendo, deve manifestar-se cheia do sopro de Deus, o Espírito que é “santo” por ser “santificador”⁴⁹.

2.4 O LIBERTADOR: A ESSÊNCIA TRINITÁRIA DA IDENTIDADE DE DEUS

No que tange à elaboração trinitária podemos agora traçar as características da identidade biografada de Deus no imaginário cristão: parte-se da unidade da essência divina para buscar uma forma de compreender a complexidade dos Três. Afirma-se, assim, o Pai como princípio imprincipiado; assume-se o Filho que se substancia em comunhão de ser com o Pai e que assim se encontram unidos não só por suas naturezas, mas por um Espírito Santificador, num clima de amor substancial que corresponde à Realidade Transcendente: Deus.

Os elementos Pai, Filho e Espírito Santo são, para os cristãos, os meios para perceber a ação salvífica de Deus na história da Salvação e, por conseguinte, os dados para distinguir a identidade do Deus que se expressa a partir dessa pericorese de amor. Logo, Deus como amor é algo experimentado na comunidade dos irmãos e irmãs mediante a mútua aceitação e participação. Nessa relação de proximidade efetivada pela essência do *Ser Deus*, a comunidade cristã O reconhece na plenificação de sua realização em Jesus Cristo por intermédio do Espírito e esta manifestação só tem um sentido de ser: a libertação da humanidade.

A pessoa libertada é alguém que encontra Deus na fé, isto é, na convicção e confiança de que a verdadeira humanidade de alguém é realizada em Deus.

⁴⁶ BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2006, p.973.

⁴⁷ Salmo 104 (103). Este hino segue a mesma lógica da cosmologia do Gênesis 1. Assim, o Espírito de Deus está na origem do ser e da vida, por meio dele a criação se realiza e toda atividade de salvação se efetiva.

⁴⁸ MOLTSMANN, 2000, p.176.

⁴⁹ Cf. MOLTSMANN, 2000, p.176.



Essa dimensão vertical da fé é a resposta essencial do evangelho e é assim o centro do significado da libertação do lado humano [...] teologicamente a realização da conversão indica a dimensão vertical da libertação, que frequentemente é chamada de “comunhão com Deus” [...] um encontro divino-humano que significa morte à vida antiga e a libertação para uma nova forma de existência⁵⁰.

Portanto, os diferentes aspectos da Revelação apontada em Cristo trazem como chave de leitura teológica um Deus em profundo contato com a humanidade, isto é, a Realidade Transcendente em profunda comunhão com o humano. Esse Deus, revelado em Cristo, nos convida a participar de sua comunhão; viver segundo ele no espírito (Cf. Lc 22,19; 1Cr 11,24; Gl 5,22-23). Essa é a razão da manifestação de Deus em Jesus: que a humanidade participe de sua vida e nela oriente seus caminhos em busca do Reino que virá (Jo 14,6). O anseio de libertação do seu povo é o que motiva a Revelação do Deus pai no Filho; a obra do espírito santificador ter por essência manifestar Deus no mundo e fazer do ser humano participante da realidade divina através de sua comunhão com a essência de Deus, para assim atingir sua plena libertação.

CONCLUSÃO

A identidade de Deus é manifestada nas mais diferentes formas dentro da literatura bíblica. Toda essa riqueza de informação sobre a revelação do Altíssimo ao longo da história da salvação – e por que não dizer da história de libertação? – constituiu uma obra amplamente rica de conteúdos que aponta para características fundamentais que possibilitam identificar os traços necessários para constituir a forma identitária de Deus Ser com a humanidade e para a humanidade.

Assim sendo, percebemos traços fundamentais do início da compreensão do Senhor pela literatura hebraico-bíblica. O povo de Israel determinou elementos fundamentais para perceber o início da relação de Deus com a humanidade, com seu Povo Escolhido, e sua trajetória com esse Povo a partir de sua aliança, levando-o diretamente à promessa atingida com a chegada à Terra Prometida e, logo, com o cumprimento de sua promessa a Israel após a libertação do Egito. A partir dessa libertação define-se uma Aliança de fidelidade para com o Deus-libertador e esse mesmo Deus, *Aquele que é e se fez para seu povo*, acompanha Israel em sua caminhada que, com os profetas, passa a demonstrar novas características e formas de ser com o seu povo. Esse fato passa a ser fundamental para compreensão da amplitude do ser de Deus e basal para que percebamos sua mutabilidade dentro da compreensão de fé do seu povo.

A partir disso, vemos os discursos proféticos apontar para novas realidades do ser de Deus. Esses novos discursos, que por fim acabam por transfigurar a identidade do Deus de Israel, têm sua realização através da Manifestação em Cristo. Com essa nova realidade de ser, Deus atinge sua máxima participação na história da humanidade. A partir do fenômeno Jesus Cristo, a identidade de Deus passa a ser relida de uma forma até então jamais vista: um *fazer-*

⁵⁰ CONES, James H. O Deus dos oprimidos; [tradução de Josué Xavier]. – São Paulo: Edições Paulinas, 1985, p.156.



se homem em total comunhão com a humanidade e essa Revelação íntima de sua mais pura identidade é assim manifesta a partir do Espírito que, santificando a Revelação divina do Pai no Filho, passa a santificar e pôr toda humanidade em comunhão com a essência criadora, o princípio divino. No espírito somos Igreja, povo de Deus.

Por fim, através de todas essas manifestações da Realidade última através da história que demarca a economia da Salvação e presença ativa do Criador no percurso histórico de sua criação, percebemos que Deus se faz presente no tempo para, única e exclusivamente, libertar seu povo e *fazer-se ser* com ele. A comunhão total à qual Deus chama os seres humanos a participar é a mesma comunhão que Ele vive em seu interior. Ele é arcano do desígnio salvífico de três pessoas, essências divinas unidas em uma vivência de amor; mistério insondável de um Deus que seja no Pai, no Filho ou no Espírito, é sempre doação. Deus é comunhão e quer ser tudo em todos (1Cor 15,28). A própria natureza de Deus é, portanto, a de ser em diálogo⁵¹ e evolução. O Deus criador, libertador e fiel conhecido e apresentado por Israel perpetua sua identidade no Deus criador de uma nova humanidade em Cristo, libertador de um povo universal e fiel à humanidade inteira a partir de sua promessa de libertação e essa libertação é a chave para compreender definitivamente a identidade de Deus.

BIBLIOGRAFIA

- BÍBLIA DE JERUSALÉM.** Nova edição, revisada e ampliada – 4ª Impressão – São Paulo: Paulus, 2006.
- CHARBONNEAU, Paul-Eugène. **O homem à procura de Deus.** – São Paulo: EPU, 1981.
- CONES, James H. **O Deus dos oprimidos;** [tradução de Josué Xavier]. – São Paulo: Edições Paulinas, 1985.
- GRINGS, Dadeus. **Deus Pai.** – Aparecida, SP: Santuário, 1998.
- HABERMAS, Jürgen. **Técnica e Ciência como Ideologia.** Trad. Artur Morão. Lisboa: Dom Quixote, 1994.
- LATOURELLE, René S.J. **Teologia da Revelação.** 3ª edição; [tradução de Flávio Cavalca de Castro] – São Paulo: Edições Paulinas, 1972.
- MANNUCCI, Valério. **Bíblia, Palavra de Deus: curso de introdução à sagrada escritura;** [tradução de Luiz João Gaió]. – São Paulo: Edições Paulinas, 1985.
- MILES, Jack. **Deus: uma biografia** [Tradução: José Rubens Siqueira] – São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- MOLTMANN, Jürgen. **Trindade e o Reino de Deus: uma contribuição para a teologia;** [tradução de Ivo Martinazzo]. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- MUÑOZ, Ronaldo. **O Deus dos Cristãos;** [tradução de Jaime A. Clasen] – Petrópolis: Vozes, 1986.
- PAGOLA, José Antônio. **Jesus: aproximação histórica;** [tradução de Gentil Avelino Titton] – 6 ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- QUEIRUGA, Andrés Torres. **Repensar a Cristologia: sondagens para um novo paradigma;** [trad.: Maria Luísa Garcia Prada] – São Paulo: Paulinas, 1998.

⁵¹ Pensamento oriundo da Carta do Superior-Geral da Congregação dos Irmãos Maristas, Emili Turu, aos Irmãos Maristas em vista do bicentenário da congregação, 2015, p. 13. Por se tratar de um documento interno do instituto e, conseqüentemente, não haver uma editora de publicação, não está incluso nas referências.



REVELETEO

**Revista Eletrônica Espaço Teológico ISSN 2177-952X. Vol. 11, n. 20, jul/dez, 2017,
p. 13-29**

SCHEFFCZYK, Leo. **A fé no Deus uno e trino: coleção “Nossa Fé”**; [tradução de Pedro Geremia, S.J.]. – São Paulo: Loyola, 1972.

Recebido em: 26/04/2017

Aprovado em: 12/11/2017